



HEROES, SANTOS E MARTIRES DA PATRIA

VASCO DA GAMA

POR ROCHA MARTINS

COLEÇÃO HISTÓRIA

71

10

11

12

13

14

15

33090  
25442  
833990  
13 de Setembro de 1928

ROCHA MARTINS  
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

HEROIS, SANTOS E MÁRTIRES  
DA PÁTRIA

VASCO DA GAMA

C4 182  
fls. 44 12

CAPA ILUSTRADA POR  
ALBERTO DE SOUSA

2.º FASCÍCULO — 2.º VOLUME

COLEÇÃO «HISTÓRIA»

— RUA DO ALECRIM, 61 —

— LISBOA —

EDIÇÃO DO AUTOR

Os Grandes Amores  
— de Portugal —

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

- I. — Linda Inês.
- II. — Desvario de Rainha.
- III. — Flôr de Altura.
- IV. — A Amada do Camareiro.
- V. — O Drama de Vila Viçosa.
- VI. — Relicário de Paixão.
- VII. — «Senhora de Bem Fazer».
- VIII. — Sóror Mariana.
- IX. — Sombra de Rei.
- X. — Madre Paula.
- XI. — Dona Flôr da Murta.
- XII. — O Bichinho de Conta.

Heróis, Santos e Mártires  
— da Pátria —

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

- I. — Rainha Santa.
- II. — O Condestável.
- III. — O Vêdor de Sâgres.
- IV. — Infante Santo.
- V. — Cavaleiro da Morte.
- VI. — O Decegado.
- VII. — A Princesa Santa Joana.
- VIII. — Vasco da Gama.
- IX. — O Grã-capitão.
- X. — D. João de Castro.
- XI. — Camões.
- XII. — O Fantasma de D. Sebastião.

Comp. e impr. na —

Rua do Alecrim, 61

— LISBOA



## PRIMEIRO QUADRO

# OS GAMAS

**C**ORRÊRA a voz de que seriam dois irmãos os predestinados descobridores das terras do Prestes João, o qual andava nas lendas, desde o tempo do infante D. Henrique (1), como um príncipe maravilhoso e cristão.

A passagem para as suas regiões encantadas, atravez dos mares, fôra o sonho que acompanhara o grande homem coroado da dinastia de Avís. Mas D. João II falecera; deixara tudo a postos para a tentativa de se ir além do Cabo das Tormentas, em busca do magnífico soberano das pompas orientais.

Contava-se que o ilustre astrónomo judeu, mestre Abrahão Ben-Samuel Zacuto, lera nos astros a profecia da vitória tam ambicionada, desde que daquela guisa se intentasse a proeza.

Tivesse ou não a idéa de que o triunfo caberia aos nados do mesmo ventre, presos

---

(1) O Vêdor de Sagres. Colecção «História».

na aventura, é certo que el-rei D. Manuel escolhera para capitães os irmãos Vasco e Paulo da Gama, amerceando êste como culpado de pôr mão no juiz de Setúbal, podendo assim partir na armada cujo comando se retirara ao ilustre navegador Bartolomeu Dias, que não avançara muito além do Tormentoso, aumentando, por sua desistência, as terríveis e misteriosas legendas relativas aos fantasmas lúgubres dos mares, em cujos confins se dizia existirem os países das pedrarias, do oiro, dos fantásticos animais e das prodigiosíssimas riquezas.

O falado marinheiro, que a infelicidade roçara ante a revolta das suas equipagens, detivera-se no limiar das regiões ignotas e logo passára a um plano secundário no ânimo do monarca.

Possivelmente o israelita Zacuto inventaria estarem os fados dispostos a submeter-se aos que êle designara vagamente, ao evocar navegadores filhos do mesmo berço, desejando favorecer alguns dos seus amigos ou tendo topado em qualquer ramo duma família os homens capazes de conduzir a empreza ao fim.

É certo que el-rei D. Manuel indicara Vasco da Gama para o comando da frota, acompanhando-o, por tenente, o seu primogénito Paulo.

Como houvera uma insubordinação lamentável nos navios do ilustre chefe da passagem do Tormentoso entregava-se a capitania-mór a um moço rude, audaz, por seus estudos sabedor das coisas do mar, e sobretudo por ser enérgico e pela fôrça de seu carácter. Era um rispido, fero, cruel e atrevido, e tanto o

mostrara que seu irmão mais queria servir sob as suas ordens do que tomar para si o grande encargo do comando, reconhecendo-lhe, assim, as superiores qualidades.

O pai dêles, Estevão da Gama, também labutara no mar — a nova cruzada dos portugueses — e até estivera citado para continuador das tentativas empreendidas, em relação ao Oriente. A' navegação se dedicavam os Sodrês, tios dos rapazes que el-rei escolhera para a temerosa proeza, e as ondas tinham igualmente embalado o berço do principal argonauta nascido em Sines, numa época de sonhos aventureiros em que elas pareciam ora repelir, ora acarinhar as lendas das plagas ignoradas.

Na enseada brincara, talvez, com suas barquinhas de cortiça aquêlê que devia tripular as naus da descoberta; ouvindo, desde tamanino, as vozes do oceano habituara-se às suas cóleras e aos seus murmúrios, aos seus rugidos e aos seus mansos suspiros, como um filho se costuma às cóleras e ternuras paternas. O mar divertira-se com êle como um ogre, a arremeter em espumantes raivas e logo, desmanchando a carranca, lhe enviara salpicos saudáveis de salsúgem, como lágrimas pesarosas por lhe ter metido mêdo.

Carecia-se dum moço inflexível e decidido. Escolheram-no. Mestre Zacuto, com certeza, ouvira-o alguma vez expôr audazmente algum sonho de acções inegaláveis. Predestinara-se; o judeu tê-lo-ia auxiliado nos desígnios, mas embora assim não fôsse, D. Manuel, desprezando Bartolomeu Dias para a chefia das naus, comquanto êle tivesse alargado a sua rota mais do que nenhum outro navegante, tomara

## VASCO DA GAMA

para com Vasco da Gama o compromisso de lhe dar tam honroso e difícil pôsto como era o de conduzir até ao país das maravilhas os navios que o rei seu antecessor mandara fazer para êsse fim.

Portugal não se bastava a si próprio.

Havia muita terra infecunda; as gentes atormentavam-se sem água para as sêdes no solo ardente; e, desde que o infante entrevira noutros pontos a riqueza e o bem estar, os depósitos do oiro com que se comprava o pão, desenvolvera-se, com a bravura e ânsia ferina de ir sempre mais além no perigo, nêsse arrebatado propósito das descobertas.

As crianças queriam ser navegadores, conforme ambicionavam as lanças dos soldados, no tempo de D. João I.

Vasco da Gama, embalado ao som das vagas, tendo certamente fruído, no seu convívio, a ante-visão duma cruzada do maravilhoso, sentindo-se forte e audaz, entregando por completo a vida ao seu desejo — condição de tôdas as vitórias — radiara, ao ser preferido para a empreza, em vez do marinheiro celebrado que fôra além do Cabo dos mistérios, mas regressara sem vêr o Prestes João.

Avolumara-se a lenda dos horrores, dos monstros fabulosos que habitavam os mares, dos pélagos lodacentos em que os navios eram sorvidos; crescera a fama horrenda dos ventos inimigos das velas, dos redemoínhos e furacões, das surpresas diabólicas que se atribuem a tôdas as coisas ignoradas, e, ao mesmo tempo, aumentara o rumor dos prodígios.

Era como que o céu e o inferno das práticas religiosas e também a legendária história das

rancorosas cheias de rios estranhos, ao fim dos quais se alargavam os paraísos, mas sofrendo-se, primeiro, tormentos sem par para o seu acesso.

Pois merecia bem a pena expõem-se a todos os horrores para descobrirem as magnificências e revelarem ao mundo o que êle tanto ambicionava conhecer.

Martelava-se, dia e noite, construindo os navios que el-rei D. João II mandara aprestar para a audaciosa expedição; chegavam de longe os artifices; já os víveres, as conservas, os diversos mantimentos, o cordame, as rêdes, armas, bombardas, a pólvora e as balas se amontoavam nos arsenais e ainda os calafates andavam embreando as barcas.

Escolheram-se as tripulações experimentadas; buscaram-se os homens habituados aos mares; preferiram-se muitos dos que tinham acompanhado Bartolomeu Dias na sua arriscada viagem precursora e tomara-se, até, um dos pilotos do infeliz mas glorioso capitão.

Era Pero de Alenquer. Tanta fôra a sua audácia e de tal modo se entusiasmara no feito que o cronista (1) diria a seu respeito louvores já ouvidos das bôcas dos mareantes, quando êle foi indicado para a nova viagem. Designá-lo-ia de «homem mui esperto nas coisas do mar e por cuja industria Lopo Infante e Bartholomeu Dias chegaram até ao rio do Infante».

Por sua fé e valor se descobrira um dos pontos longínquos a que haviam chegado as quilhas portuguesas.

D. Manuel I ouvira enternecidas palavras

---

(1) Damião de Goes.

## VASCO DA GAMA

de agradecimento dos lábios do navegador que nomeara chefe da sua armada e «lhe beijou a mão pela mercê que lhe fizera e confiança que d'elle tinha, ajuntando a isto que uma das partes que o convidava a este trabalho, depois do serviço que n'este esperava fazer a Deos e a Sua Alteza, era parecer-lhe que tinha alguma acção nesta viagem por El-Rei D. João, pouco antes que fallecesse, ter dada a seu pae Estevão da Gama que já tambem era defuncto» (1).

Com a lenda dos dois irmãos para a aventura e o precedente do chefe da família designado para a tentativa pelo rei, que bem conhecia os homens, compreende-se como à família dos Gamas coube o comando que se vira em parte falhado nas mãos illustres de Bartolomeu Dias que não soubera exercer decisivo império sobre as suas guarnições.

Entregavam-lhes os navios, apenas três, cujos nomes evocavam arcanjos e um lobo do mar. No denominado *S. Gabriel* embarcara Vasco da Gama com o seu piloto Pero de Alenquer; no *S. Rafael* ia de comandante Paulo da Gama e como piloto João Coimbra; o *Berrio* — assim chamado em honra dum armador algarvio que o vendera — chefiava-o Nicolau Coelho, pilotando-o Pedro Escobar. Por *S. Miguel* designaram o barco dos mantimentos, o qual levava por mestre de manobras Gonçalo Nunes, antigo marinheiro dos Gamas.

Tudo estava disposto para a partida e D. Manuel I devia sentir mais propícios os fados, desde que mestre Zacuto lhe prognos-

---

(1) Damião de Goes. *Chronica de El-Rei D. Manoel*.

ticara a vitória das naus em que fôsem dois irmãos mareantes.

Os navios tinham fundeado diante de Belém, frente ao areal, onde se erguia a ermida do Restêlo, a qual pertencia à Ordem de Cristo de que fôra mestre o infante D. Henrique.

Estava ali como um padrão de audácias, eremitério de epopeia para as orações dos que iam arrostar as fúrias dos oceanos e ajoelhavam, venerando a imagem de Nossa Senhora de Betlem, a própria mãe de Deus, cujo dôce vulto devia aparecer aos aflitos marinheiros nas horas atormentadas do perigo.

Não fugiram à crença naquela misericordiosa Virgem os nautas que iam largar para a mais terrível das emprezas marítimas.

Entraram no templosinho, na luminosa manhã de Julho (1), deslumbradora de sol, e guardá-la-iam nas pupilas, à idéa de que afrontosos monstros negros os esperavam no Cabo das Tormentas, horroroso sempre, por mais que de Boa Esperança lhe chamassem.

Oraram capitães e marinheiros. Acudira o povo a vêr os temerários que se destinavam ao trato com os vagalhões e lentamente caminhavam, em cortejo processional, conduzindo a bandeira branca com a cruz de Cristo, dos freires, igual à que flutuava nos navios e que desde as primeiras investidas do Vêdor de Sagres contra o ignoto tinha sido égide de sublimes arrôjos.

Naquela hora tanto o moço capitão como os seus experimentados pilotos, escrivães e grumetes sentiam um halo bemdito a envolvê-

(1) 1497.

## VASCO DA GAMA

-los com a chama do sol, pois nenhum desertou, de ânimo quebrantado.

Adiantaram-se para as embarcações entre as alas de populares e a escolta dos sacerdotes acorridos ao templo; arvoraram os brandões das promessas e assim se dirigiram para os escaleres que os conduziam aos navios negros fundeados na direcção dos montes verdejantes da Outra-Banda.

Eram brancas as suas velas e esmaltava-as o vermelho das cruces. Os barcos, quási tam altos de pôpa como de prôa, com os seus cascos côr de breu, como que de luto, sob a luz doirada do sol, erguiam os mastros resistentes à superfície das águas azulinas do Tejo onde se reflectia o céu puro e, vistos assim, representavam os veículos do mistério. Um sonho, a adejar nas bandeiras; talvez esquifes, flutuando.

O povo, que sempre admira os heróis, animava-os, sorrindo-lhes e falando-lhes, embora entre êle houvesse os maus pressagiadores que sempre agouram perigos terríveis nas horas mais sagradas.

Um dos sacerdotes do Restêlo tomou os mareantes de confissão geral e absolveu-os, num gesto piedoso, em virtude das lendas que expungiam de qualquer mal os dedicados aos transe do mar, no momento das largadas para os lances temerosos.

El-rei D. Manuel não assistira ao embarque. Devia estar no tôpo da serra de Cintra, diziam alguns, ou no alto penêdo do seu retiro da Penha Longa, a vêr o querido desfile dos navios para a sua rota estranha. Outros asseveravam que partira para longe, depois de ter mandado distribuir dois mil cruzados a

cada um dos Gamas, mil a Nicolau Coelho, cem aos marujos que se separavam das espôsas e dos filhos, bem como quarenta aos que não tinham encargos de família.

Talvez não quizesse vêr o rosto conturbado de Bartolomeu Dias a quem dera o encargo de conduzir as esquadras quasi até onde chegara na sua primeira tentativa, seguindo depois para S. Jorge da Mina.

Pavoroso castigo se infligia ao mareante experimentado cujas lágrimas deviam cair nas cristas das ondas que afrontara galhardamente, não as talhando mais porque à cobaradia das gentes de seu bordo não soubera impôr a crueza e o arrego. Ao navegador falecera o arrôjo ante a indisciplina e por isso não passava ali de guia daquêle moço capitão, barbado e de rosto enérgico, em cujos olhos, se luziam esperanças, também faulhavam as decisões.







## SEGUNDO QUADRO

### O CAMINHO DO CABO

**A**CUSTO se soltaram os tripulantes da frota dos braços dos parentes, na praia do Restêlo; ouviram, ainda, as pragas e os agoiros e, limpos de pecados, ao saltarem para os navios, deitaram, com o último adeus, os corações ao largo.

Sete dias depois chegavam às Canárias, com um tempo admirável. Não era aquêlo o mar dos avejões temerosos; mais além desceu a névoa, sacudiu-os o temporal; e os barcos, levados ao acaso, separando-se, só se reuniram em Cabo-Verde.

O chefe tinha bem presentes os conselhos de Zacuto; o judeu não ensinava apenas a sciência dos astros e do oceano; também industriava nas artes da marinha.

Os navios deviam andar sempre juntos, pois coisa alguma de mais prejudicial existia nessas derrotas do que perderem-se uns dos outros.

Ao avistarem-se na ilha do Sal ouviram-se brados alegres; retumbaram pela amplidão

as descargas das bombardas de bordo; as vozes das trombetas encheram os espaços e Vasco da Gama, da sua ponte de comando, ordenou, pelas buzinas, o prosseguimento da viagem. Ao cabo de vinte dias da largada de Belém aproavam a Santiago e depois a Santa Maria, onde se detiveram para a necessária aguada.

O cabo das Tormentas constituía o enorme pesadêlo dos navegantes. Bartolomeu Dias, ao indicar-lhe a rota, despedira-se e fôra-se tranqüilamente para S. Jorge da Máia, enquanto o novo argonáuta, que o substituíra na empreza, ia talvez haver o que êle não pudera conquistar.

Entrara o mês de Agosto. As barcas, afastadas das costas, distanciando-se da terra, velejaram três meses num espectáculo hórrido «com muitas tormentas de ventos, chuvas e cerrações com que se todos viram em assaz de perigo, vendo a morte diante muitas vezes» (1).

Aquêles anuncios de monstros sem igual, os horrores dos pélagos, todo o satânico cortejo que andava nas imaginações os trazia preocupados porque, naturalmente, após tão grande número de borrascas, tempestades e nevoeiros, só a morte podiam esperar. Os sinistros rochedos do além, quási na visinhança das nuvens, eram os palácios de sua moradia e dos sequazes do seu poder devastador, assim como a baforada de sua bôca assassina, com a subida letal das vasas, vinha dos tais pântanos cuja existência os marujos propalavam, aterrados.

---

(1) Fernão Lopes de Castanheda.

Começaram a agitar-se dúvidas e mêdos, a bordo dos navios; pressentia-se um comêço de indisciplina, como sucedera nos barcos de Bartolomeu Dias e já as vozes receosas aventavam a idéa do regresso, quando Vasco da Gama, encarando o pavor da situação, se decidiu à morte, de preferênciã a retroceder.

Eis o que faltara ao illustre cabo de mar, seu predecessor, na arriscada aventura.

Ainda não proferira as palavras de castigo, antes se humildara nas fainas mais triviais; ajudava tanto os grumetes como os patrões; corria para tôdos os lugares perigosos. Durante os nevoeiros devia vêr para além; sob as chicotadas do vento oferecia-se como um ser destinado a afundar-se no seio das ondas que se esgarçavam, hiantes; aos bramidos das tempestades respondia com a voz impetuosa do comando e, acreditando ou não nos horrores descritos, pretendia vencê-los ou, pelo menos, adivinhar o verdadeiro acêrca da sua inacessibilidade, perscrutando êsse mistério.

Ordenou que se mudasse de rumo para as bandas onde deviam estar a terra e êsse longo promontório terrível e tormentoso contra o qual cachoavam as águas enfurecidas.

Em dia de tôdos os Santos, o qual caíra a uma quarta-feira, teve sinais de que se aproximava da costa; no sábadô (1), pelas nove horas da manhã, descortinara-se uma massa negra. Achegaram-se, com vagares. Era uma ilha. Subiram as bandeiras aos topos; reboaram as bombardas em honra do chefe e da nova descoberta que Pero de Alenquer verificava, ao

---

(1) 4 de Novembro de 1497.

pôr-lhe pé, no comêço da semana imediata (1).

Em homenagem à mãe de Constantino, cuja conversão ao cristianismo ela apressara, os mareantes chamaram Angra de Santa Helena ao solo que pisavam.

Fôram à procura de refrescos e informes descortinando, apenas, lôbos marinhos; cortaram madeiras, abateram a caça e, depois do concerto dos barcos, deram o nome de Santiago a um rio de água dôce, do qual fruïram delícias.

O apóstolo das Espanhas teve a sua consagração na moderna cavalaria em que se filiavam os netos dos grandes guerreiros.

Ao cabo de algum tempo surgiram dois negros que andavam curvados para a terra, mal suspeitando do desembarque dos atrevidos na sua ilha ignorada.

Pé-ante-pé se aproximaram os recém-chegados; observaram a tarefa dos indígenas. Colhiam mel silvestre nas bastas colmeias; apanharam um, de salto, tomando-o à fôrça, embora sem o ferirem, e quizeram ouvi-lo acêrca dos païses em cuja demanda iam tam esperançados. Nenhum dos intérpretes conhecia o idioma que êle falava.

Ofereceram-lhe de comer; puzeram-lhe ao pé as vitualhas que um grumete ía comendo, para vêr se o outro o imitava. Foi uma idéa admirável.

Os homens, em tôdas as latitudes, podem não sentir o intellecto, mas sempre lhes fala o estômago.

Quiz fazer entender-se por acenos e, quan-

---

(1) 8 de Novembro de 1497.

do, findo o repasto, Vasco da Gama lhe offer-  
tou algumas contas de vidro e uns cascavéis,  
pondo-o em liberdade, viram-no correr alè-  
gremente em busca dos companheiros que,  
em breve, apareceram no acampamento.

Pareciam humanisados; estendiam as mãos  
cobiçosas e súplices para os rosários e cam-  
painhas que tinham por maravilhosas, e tanto  
as pretendiam que se prestavam à amizade,  
mostrando-se inefáveis, dôces, bondosos.

Contentavam-se com os atavios, deliran-  
do a tal ponto que um dos guerreiros por-  
tugueses, de nome Fernão Veloso, pediu licen-  
ça ao chefe para ir com os indígenas até à  
povoação.

Largaram em bom foliar, enquanto os ma-  
rinheiros iam pescando ou despegavam os  
crustáceos dos rochedos para se desenjoarem  
das conservas da ração durante a travessia.

De repente, no declive dum monte, viram  
Fernão Veloso em grande galgada, fugindo  
espavorido sob as pedradas rijas dos negros  
que deixara, a distância, na ansiedade da sua  
salvação.

Vasco da Gama ordenou que lhe acudis-  
sem com um dos batéis, a-fim-de o recolherem  
na orla do mar, mas os companheiros demo-  
raram um pouco a chegada, a-fim-de o verem  
atormentado, pois costumava, a miúde, jactar-  
-se de suas proezas e acções.

Uma chusma de naturais caiu sôbre os por-  
tugueses e em tal fúria que o próprio capitão-  
-mór recebeu ferimentos numa perna, suce-  
dendo o mesmo ao mestre do *S. Gabriel* e a  
dois marinheiros.

Recolhidos aos navios e após uma boa sur-  
riada de tiros de bésta, os mareantes com-

## VASCO DA GAMA

preenderam que não lhes convinha demorem-se, ainda que pouco tempo, naquela ilha de mais surpresas.

Tinham-se refrescado; limpa e afoitamente podiam afrontar os perigos do tormentoso cabo e assim o ordenou o chefe, num grande aprumo, sob os olhares pasmados dos seus homens.

Só tinham agravos dos negros, mas não viera a tempestade colhê-los de novo.

Com a idéa em Deus, duro de aspecto e a tudo decidido, Vasco da Gama comandou a manobra dos seus navios, não falando do Cabo Tormentoso, mas tratando-o, dôcemente, pelo nome de Boa Esperança.





## TERCEIRO QUADRO

### ROTA DAS ÍNDIAS

**E**NCHERAM-SE as almas de pavor, à vista do terrível Cabo, avistado sob os fragores da rajada. Soprava, inclemente, como que para afugentar as naus dêsse caminho defendido por tôdas as fôrças da natureza.

O capitão fez-se mais ao largo; afastou-se do litoral, perdendo de vista o negrume terrificante do promontório que, observado de longe, tinha o aspecto descomunal dum ciclópico guardador daquelas regiões.

Monstro das lendas, fantasma implacável, obreiro cruel das voragens, atalaiava o rumo dos navios e, tendo às suas ordens o séquito tormentoso das ventanias e dos vendavais, dominando as águas ou revolvendo-as em fúrias sem igual, tornara-se o horrído chaveiro pico de tão misteriosos domínios.

Era igual aos dragões formidáveis dos velhos contos de fadas defendendo as princezas dos contactos humanos, até que apparecesse algum bravo e audacioso cavaleiro, capaz de

## VASCO DA GAMA

o vencer, quebrando assim os seculares encantos.

Vasco da Gama tornara-se êsse paladino. Ao invés dos seus homens não dava crédito às furiosas intenções dum duende colossal, antes saberia, por mestre Zacuto, das origens dos temporais fustigadores e tremendos nessa passagem, mais proibida pela fama e pelo enigma do que pela verdade acêrca das suas inflexíveis sentinelas.

Fez-se ao largo e quando abrandaram as inclemências, lendo sempre o mesmo mêdo nos olhos da equipagem, mandou aproximar um pouco mais a frota, para logo fugir; voltando a chegar-se e metendo-se novamente às vagas distantes, dando assim idéas, pouco a pouco claras, à gente de bordo que, naquela doseada vista do que ela julgava um sobrenatural dominador, se foi habituando às pedras altas do Cabo contra cujos recifes se desfaziam as vagas sob as nuvens caliginosas.

Soprava o vento pela pôpa das naus; espancavam as ondas mas, ao passar-se pela frente do monstro, na tarde de Novembro, sumiram-se os terrores porque das imaginações se varreram as sinistras mentiras.

Fôra como que um pesadêlo, extinto a custo e do qual se guarda, todavia, a lembrança formidanda; ficava como um sonho da infância ou a memória duma narrativa de horrores inolvidável mas de que se sorri quando, na idade madura, se reflete acêrca dos pávidos temores da meninice.

O Tormentoso, assim observado, a-pesar dos seus ventos de violência e dos abruptos rochedos que evocavam um colosso sem igual

falando pela voz rija dos aquilões, transformava-se, suavemente, em Cabo da Boa Esperança, portão temeroso e guarnecido de carancas, atrás do qual deviam estar as maravilhas.

De resto, eram os costumes ingênuos do velho mundo, ao guardarem-se os caminhos com estátuas de pedra gigantescas e terríveis, como que para amedrontar os viageiros, tornando inacessíveis os países das belesas.

Assim era no Egito; no Oriente sucedia o mesmo, tendo os homens copiado da natureza os lances do terror.

Ainda diante das pedras adustas tocaram-se as trombetas em soada de alegria; ficara para trás o Cabo e continuavam a ressoar as longas, as tubas e os tambores, como em agradecimento aos espaços, com a sonoridade dos hinos guerreiros.

Percorreram sessenta léguas além do promontório e ao avistarem, de novo, a terra, julgaram alguns ser já o maravilhoso país onde lhes bastaria baixarem-se para haverem as pedrarias e o oiro.

Denominaram Angra de S. Brás o território descoberto e, fundeando, o grande capitão cumpriu as instrucções recebidas em Lisboa para o caso de conseguir passar o fulcro fantasmagórico de tantos pavores.

Queimou o barco dos mantimentos, depois de os transportar para os outros navios.

O *S. Miguel* foi imolado numa fogueira colossal, como que em holocausto às regiões portentosas.

Durante três dias fizeram a aguada e, vendo chegar os indígenas, não se lhes confiaram tam abertamente como em Santa He-

lena. Armados convenientemente, de aspecto grave, falando com rijeza, assim lhes ofertaram os objectos trazidos para aquêles tratos com os negros.

Eram, uns barretes vermelhos, que o sdeslumbravam, os saguâtes dos portuguezes aos indígenas.

Êstes, dansando, punham-se em folias, tangiam uns instrumentos primitivos e, em breve, para os contentar, em honra larga de amisade, os navegadores, seguindo o seu severo comandante, tornado amável por política, pulavam, em grandes júbilos, juntamente com os selvagens.

Ordenou o chefe a Martim Afonso que presenteasse os habitantes com algumas manilhas, em troca duma vaca. Íam os soldados revestidos de armas, luzentes de ferro e com seus arcabuzes, ante os quais os negros fugiram espavoridos.

Plantou-se uma cruz na angra e, logo, o som cavernoso das bombardas de bordo desvirginisou a campina, até ali apenas habituada aos rumores da natureza.

Na base do madeiro da mezena com que se construía o emblema sagrado entalhara-se uma legenda sacratíssima:

«Do senhorio de Portugal, terra de cristãos».

Colheram-se as âncoras e os indígenas, receosos da cruz como dum maleficio ou instintivamente ligados à ideia da sua propriedade, que outros tomavam, derrubaram o sinal da posse.

Em dia de Nossa Senhora da Conceição foi calmo e sereno o mar; no de Santa Luzia rugiu de maneira tão sinistra a tempestade,

que as naus corriam em árvore sêca, arriando os traquetes, como se lá de longe o enganador ciclópe do Cabo as fustigasse, numa cólera maior, por ser tardia. Não tinham ainda experimentado semelhantes procelas. Era o fim de tudo, julgavam os tripulantes, no seu redobrado temor, entrando a desenvolver-se a bordo o pânico e a desordem, como nos maus momentos contagiosos em que colectivamente se antevê a morte, quebrando-se todos os laços convencionais, em presença do instinto animal da conservação.

Uns choravam, súplices, voltados para o céu inclemente, que coriscava; outros desesperavam-se ante os abismos das vagas, escutando o ranger das cavernas e o ululante bramido da ventania, havendo-os que oravam, mal se ouvindo entre os prantos e as preces a voz raivosa de quem ía condenando a aventura atentadora contra a vontade divina.

Vasco da Gama, impávido, animoso, tendo doado a Deus a sua vida, aparecia, com uma firmeza inegalável, mantendo, não os rigores da disciplina, porém, a altivez das atitudes e mostrava-lhes o dever. Indiferente às cóleras incontíveis ajudava nas manobras e, querendo dominar tantos receios, êle próprio fazia um esforço hercúleo.

É que o navio de Nicolau Coelho perdera-se na noite negra, sôbre as águas encapeladas e debaixo das torrentes da chuva.

Na tarde seguinte avistaram-no, de novo, e não disfarçaram o júbilo.

Passaram ainda longas horas, cheios de pavor, e já íam a sessenta léguas de S. Brás, e na altura dos Chãos, quando os temporais abrandaram.

Depois, lançando ferro no ilhéu da Cruz, dispuzeram-se a seguir para o rio do Infante, o da travessia de Bartolomeu Dias. Daí para a frente era o ignoto.

Recomeçara a navegação; penetraram muito mais no mar; velejando por muito tempo julgavam-se na vizinhança do país maravilhoso, quando deram noticia de se encontrarem novamente no ilhéu da Cruz.

Terrificados, sentiram tratar-se de encantamento.

Não haveria mais nada para além.

O comandante, sem a menor quebra em seu ânimo, deliberara avançar para a índia, para o seu fim, razão de sua vinda até ali, quasi que o destino da sua existência.

Em dia de Natal deparou com uma costa e deu-lhe o nome da data solene que cantava em sua alma, evocando a festa portuguesa nos lares tam aconchegados e distantes.

Natal chamaram ao território entrevisto, ao longo de cujas costas fôram navegando. Ao aproximar-se o fim do ano, tendo sofrido novo temporal, compreenderam que, além dos elementos, também os prejudicavam as suas deficiências.

Não havia água a bordo ou, pelo menos, era tam pouca que só poderia servir de discórdia.

Mandou que desembarcasse Martim Afonso com alguns homens, a-fim-de ver se encontrava o líquido indispensável à tripulação durante a travessia para os países ignorados.

Levavam presentes para o chefe dos indígenas, pois certamente haveria ali um soberano.

Toparam-no; entregaram-lhe uma vestimenta garrida e, entre os clamores alegres da população, êle, como se fôsse mais poderoso com êsses atavios, luzia tôdas as suas galas e ordenava que ensinassem aos presenteadores o curso das ribeiras brandas, embora de tons ruivos, mas tam frescas, calmas e de tam dôce suavidade que o navegador intitolou o lugar de *Terra da Boa Gente* ou *Aguada da Boa Paz*, designando como rio de *Cobre* aquêle onde colhera a provisão para as suas naus que iam à conquista do oiro da maravilha.

Já decorrera metade do primeiro mês do ano (!) quando se adiantaram do Cabo das Correntes; chegara-se, depois, a um novo rio, tam alfombrado nas margens, que se tornavam verdes, como limosas, as águas de bonança.

Copavam-se, aqui e ali, os arvoredos, em abóbadas magníficas; e quando os nautas desembarcaram viram a floresta tam cheia de vida e tam formosa que mais se julgaram no paraíso do que em terras de cafraria.

Talvez fôsse já a Índia, a região do sonho e da beleza; o pórtico encantado devia ser ali, pois não imaginavam mais belo o ádito das magnificências lendárias, em busca das quais se aventuravam.

De repente ouviram bater remos e logo descobriram indígenas, em pirogas feitas de troncos tam vigorosos como os engenhos que as moviam sob o impulso dos seus braços fortes.

Eram quasi gigantes os remadores, bronzeados e hercúleos. Como Fernão Martim,

(!) 1498.

## VASCO DA GAMA

um dos intérpretes, entrasse de lhes falar numa mistura arábica, pareceu que o compreendiam.

Não mostravam medo; adiantavam-se para os barcos, sem receio; e, tendo ali recebido presentes, demoravam-se, soltando risadas infantis. Compraziam-se em servir os navegadores. Vasco da Gama, industriado acerca do trato dos moiros nas terras que ambicionava, deduziu que aquêles gentio já tinha visto indivíduos mais civilizados, talvez os muçulmanos traficantes das Índias, das terras de Prestes João, descendentes dos que as haviam revelado outr'ora em Marrocos, ainda na época do Infante D. Henrique.

Os panos e os toucados de setim que os principais arvoravam eram a demonstração cabal do seu contacto com outros povos mais engenhosos.

Entre êles sobreluzia um jóven que indicava, em gritos, a região distante onde nascera, declarando ter já visto alguns barcos tam grandes como os do capitão português, devendo-se a isso a sua calma, causadora do pasmo dos aventureiros lusitanos.

Deu-se àquele rio alfombrado o título de *Bons Signaes* (1) em vista de tal acólho e das excellentes novas.

Era como se já baforasse o perfume da Índia celebrada, tôda de feitiço e encanto. Demoraram-se, calefetando os navios, mas a marinhagem ia adoecendo de escorbuto, o qual vitimara alguns homens.

Epidemisara-se o acampamento e Paulo da Gama visitava os enfermos, animando-os com

---

(1) Zambeze.

o seu ar bondoso de sacerdote, pois êle era, na indole e nos modos, a antítese do bravo, indómito e pertinaz irmão.

Determinou-se a largada; entraram em águas de tam velozes correntes que quasi arrastavam os batéis e já se aproximava o termo de Fevereiro quando, mais uma vez, descobriram terras.

Tinham entrevisto quatro ilhas e, ao aproximarem-se duma, viram muitos barcos a transbordar de gentio abaçanado, tocando diversos instrumentos, em alegria e de boas maneiras, a entoar canções, saudando assim os nossos, em mostras de grande júbilo.

Vestiam sêdas listradas; lindas toucas lhes ornavam as frentes, subiram sem constrangimento às naus, aceitaram os comestíveis, beberam e souberam responder ao língua Fernão Martins, ao qual declararam ser Moçambique o nome da sua terra.

Tinham por amo o rei de Quilôa, o suzerano Cacaojea, e até iam ali os mercadores da Índia, em largo trato, sendo quasi todos da moirama.

Mostravam os panos, os trajos, o oiro que lhes afestoava os tecidos ricos, falando de pedrarias e de coisas estranhas, como eram a canela, o cravo e a pimenta, cujas amostras deixavam embaraçados os portugueses.

Recebidos pelos mahometanos que andavam no tráfico, souberam também como não era muito distante da sua ilha a terra almejada.

O Prestes João estava perto. Tal foi o regosijo do navegador ante êsse mundo adivinhado e querido com a fé de todos os grandes desejos, que ordenou se fundeasse em

## VASCO DA GAMA

Moçambique, a-fim-de colher mais novas e entrar de conversação com quem governasse a ilha.

Quando pretendia, o rude marinheiro tornava-se num ardiloso e paciente diplomata e, assim, entrou de captar o maior do país, enviando-lhe presentes, embora de pequena monta.

Não acertara, desta vez, na escôlha das dádivas.

O moiro, habituado aos rubis e às esmeraldas, devia desdenhar os vidros e contas que lhe enviava.

A-pesar-de tudo appareceu a bordo. Flutuavam as bandeiras nos topos dos mastros, alcatifaram-se as toldas, formaram as guarnições e grandes obséquios se dispenderam em honra do infiel.

Buscavam tê-lo por amigo e por isso foi aceito o convite para irem a terra e serem seus hóspedes.

A conversação avançava; o xeque, desejando mostrar-se civilisado, perguntava-lhes se eram naturais do grande império da Turquia.

Vasco da Gama compreendeu que o moiro admirava êsses turcos, cujas noticias o deslumbravam; no entanto, não quiz enganá-lo e disse-lhe ser portugûês.

Ante o seu pasmo ou o ar quási desapontado com que fôra recebida a sua declaração, tomou outra attitude e pôs-se a mentir como um autêntico diplomático.

Aquêles navios constituíam a avançada duma poderosíssima frota que largara de Lisboa e que andava nos mares distantes. Nela vinham os objectos ricos, de grande valor,

destinados ao negócio e aos presentes. Êle, porém, trazia consigo, prata e oiro com que podiam commerciar, se assim o entendessem.

Entrara em escrúpulos, o moiro. Queria que lhe mostrasse os livros de sua fé, a-fim-de ver se poderiam ser amigos.

Atribuiu às outras naus dispersas a guarda dos preciosos tratados religiosos e, ludibriando o sultão, conseguiu falar-lhe da cêdencia duns pilotos aptos para guiarem até à India os seus barcos destinados a êsse em-pório, pois possuía cartas de seu rei para o poderoso Prestes João.

O outro acedera.

Falara-lhe da região chamada Calecut, onde demoravam índios, e logo embarcaram os pilotos aos quais devia pagar-se trinta mil reais de Portugal.

Presenteou-os com fatos, deu-lhes bom sinal de confiança, mas, receoso da traição, o artilheiro chefe determinou que os vigiassem, não fôsem conduzir as naus para algum temeroso perigo.

Fez-se a largada; ao quererem, de novo, desembarcar, fôram mal recebidos e, avistando terra, Vasco da Gama, agradecido, deu-lhe o nome de S. Jorge, em homenagem ao santo padroeiro das guerras, ao patrão das armas portuguezas.

Armou-se um altar; foi celebrada a missa; e, intentando-se a navegação, reconheceu-se não se velejar a caminho da Índia maravilhosa.

Indignou-se; reconheceu a cilada dos pilotos e, quando buscava puni-los, um dêles fugiu para terra com um grumete negro, per-

## VASCO DA GAMA

tencentente a João Coimbra, guia da nau *S. Rafael*.

Quando approaram sentiram a hostilidade dos indígenas; ao queixarem-se receberam como resposta a indignação do chefe que os tratava de saqueadores do mar e, empenhando-se num combate, os portugueses venceram os assaltantes, mas tiveram que se fazer ao largo, levando o único piloto moiro que lhes restava.

No alto mar confessaram-no; souberam que os conduzira mal, de propósito e, entre ameaças, obrigaram-no a servi-los.

Quizera perdê-los, atirando os barcos contra os rochedos duma ilha que ia receber um título comemorativo do suplicio mandado infligir por Vasco da Gama ao infiel.

Foi assim que se originou o nome da *Ilha do Açoutado*.

Chegara-se ao comêço de Abril. O pilôto já trabalhava de melhor sombra.

O receio de novo castigo determinara-o a obedecer, levando os navios até Mombaça.

Aconteceu, porém, que a nau *S. Rafael* tocou nuns recifes; calafetaram-na e largou-se para a região que os portugueses tanto desejavam conhecer, como se esperassem lá encontrar o verdadeiro fulcro de seu destino.

Os moiros que ali habitavam quizeram invadir, de noite e de tropel, a nau do capitão-mór, mas fôram repelidos, deixando-se que subissem apenas alguns, a-fim-de se entrar nas negociações.

Os infiéis tinham adivinhado os seus verdadeiros rivais.

## VASCO DA GAMA

Era aquela a gente que batera os remotos árabes no Ocidente, os perseguira, em Africa, e vinha até ali para desviar os moiros do comércio oriental.

Portugueses!

E, naturalmente, os manes dos antepassados pediam cruéis vinganças.

Ía começar uma luta de ardís em que alguns da raça mahometana até chegariam a fingir-se cristãos.

Vasco da Gama encarava êste perigo com tanta audácia quanta a que usara no fragor das procelas.







«VENDO Vasco da Gama que tam perto  
Do fim de seu desejo se perdia,  
Vendo ora o mar até ao inferno aberto  
Ora com nova furia ao ceu subia  
Confuso de temor, de vida incerto,  
Onde nenhum remedio lhe valia  
Chama aquelle remedio sancto e forte  
Que o impossibil pode, desta sorte.»

(CAMÕES—*Lusiadas*. Canto VI).





## QUARTO QUADRO

### O PÓRTICO DA MARAVILHA

**C**OMEÇARAM os engôdos e enganos, por banda dos mercadores. Diziam existir cristãos na ilha e levaram alguns argonautas a casa dêles. Representaram bem o seu papel os destinados ao ludibrio. Punham-se em prática de beijarem a imagem do Espírito Santo, davam-se tratos para atraírem à terra os navegantes. Apresentavam-lhes amostras de especiarias, tentando-os com os enormes lucros, fim principal da sua aventura, que estava no tráfico.

Mandou-se entrar a frota no porto. Ninguém desembarcava. Antes convocavam os mercadores para bordo. Certa noite fizeram os indígenas a tentativa de picar as amarras; os pilôtos, vindos de terra, pretendiam que as naus se despedaçassem contra os recifes e Vasco da Gama, enfuriado, constatou terem fugido dois dêles, lançando-se da amurada.

Ao que ficara mandou-lhe aplicar pingos de azeite a ferver, que lhe empolaram a carne. En-

tre gritos aflitivos, o tredo narrou como fôra incumbido de os conduzir ao naufrágio.

Com semelhante guia tornava-se impossível a passagem para Calecut. A estada em Mombaça constituía um perigo e o capitão, deliberando avançar, fez suspender ferro. Se não revelava desânimo faltava-lhe o motivo para se mostrar alegre.

A alguma distância aprisionou um zambuco carregado de gente, tomou-o, sem peias, pôs em interrogatório tanto os seus dezasseis homens como as mulheres que os acompanhavam e de suas bôcas soube da existência dum bondoso senhor que demorava ali perto e ao qual denominavam rei de Melinde.

Ele lhes ensinaria o caminho para a Índia.

Largamente estudara, o navegador, mas de coisa alguma lhe serviria dali em diante a indústria que aprendera.

Desferraram velas os navios e, em dia de Páscoa (1) encontraram-se em frente da cidade onde teriam bom acôlho. Desde logo receberam um enviado do monarca, o qual os convidava a irem à terra, a-fim-de se abastecerem, pois estava bem provido o seu mercado.

Ofereceu-se um dos moiros prisioneiros para ir conversar com o soberano. Acompanhou-o um degredado português, dos que iam na frota, a trôco do perdão e, pouco depois, arribava à nau-chefe um batel, do qual os magnates melindenses subiam para a entrevista.

O rei enviava o seu anél a Vasco da Gama, como penhor de aliança segura.

---

(1) 1498.

Tiveram refrescos a bordo, carnes e especiarias, sendo tanta a amisade dispensada pelos indígenas que houve tentação de desembarcar, a-fim-de se dirigirem ao palácio, detendo-os apenas a lembrança das traições sofridas em Moçambique e Mombaça.

Deliberou, o sultão, fazer a visita ao recém-chegado e, entre músicas, alegrias, pavilhões papejantes ao vento, o recebeu o mareante, vestido de seus mais luzidos trajos e fôram de júbilo e de cerimónia as vénias trocadas.

Quiz, o potentado, saber alguma coisa acêrca dos seus intentos e do país dos navegadores. Ao ouvir os exagêros do chefe pediu-lhe, com carinho, para o acompanhar e ser seu hóspede na residência.

Vasco da Gama falava-lhe, saudando-o, ao som terrificante das bombardas, as quais, quebrando o silêncio dos mares, produziam o desejado efeito nas almas dos indígenas.

Os convites sucediam-se. Em escaléres artelhados andaram, pertinho de terra, o capitão e alguns dos principais, decidindo-se o chefe, por fim, a aceitar o que lhe propunha o rei. Iria hospedar-se no seu palácio.

Paulo da Gama tomara o comando das naus e tais provas de amigos intúitos tencionava dar ao sultão que, sem dúvida, obteria um piloto para o guiar a Calecut.

Não concordaram os companheiros.

Mandou-se Nicolau Coelho, com certa pompa, a satisfazer o convite.

Foi recebido numa côrte grandiosa. O monarca, sôbre o seu trôno incrustado de marfim, ouviu-o disretear acêrca do poderio enorme de D. Manuel de Portugal e, deslumbran-

## VASCO DA GAMA

do-se com as fantásticas descrições, enredado nas hipérboles, tudo foi, por banda do soberano, desejo de agasalhar o emissário e insistência em receber o comandante da frota.

Trabalhou-se para que os barcos fôsem ornamentados com magnificência.

Por tôda a parte se estadeavam os panos ricos, e os dois Gamas, em poltronas forradas de riquíssimo veludo, apareceram à vista dos indígenas, entre os seus homens revestidos de custosas armas. As bombardas escoltavam-nos, como atrevido e indispensável recurso, mas os portugueses asseguravam-se, pouco a pouco, da boa fé do seu hospedeiro.

Fizeram pacto de aliança, e numa generosidade, digna de ricos vassallos dum rei esplendoroso, tornaram a deslumbrar o sultão.

Vasco da Gama ofereceu-lhe uma espada de finíssimos lavores e uma adága de punho de oiro, após um discurso hábil no qual assegurava serem tais dádivas o hábito do seu soberano, ao travar amizades, porque «com a espada se ganha a mór honra do mundo, que é a cavalaria, e quem quebra amizade que toma, dando a espada, fica com sua honra perdida para sempre» (1).

Daí por diante foi larga a convivência; disputavam-se primazias em gentilezas.

Da parte do ardiloso e atilado chefe português havia o propósito de estadear seu poder e a opulência, o que obtinha com o grande lusimento das armas, a beleza das bandeiras, os panos sumptuosos, as grandiosidades e pompas e, sôbretudo, com o vozear das terríveis bombardas.

---

(1) Gaspar Correia. *Lendas da India*.

Conseguira a simpatia do soberano e também a dos seus áulicos. Os navegantes já se passeavam por Melinde; os naturais iam a bordo e tendo alguns visto uma imagem da Virgem com Jesus Cristo nos braços, prosternaram-se, em grande devoção.

Deviam ser índios guzarates e um dêles, de nome Maleno Cana, que era pilôto, ofereceu-se para os conduzir seguramente a Calecut.

Entraram em trato da navegação o chefe e o prático dos mares. Vasco da Gama mostrou-lhe o astrolábio de que se servia, julgando estarrecê-lo; êle, porém, sem a menor admiração, apresentou-lhe um mapa do mar e dos rios indianos e um instrumento náutico parecido com a balestilha.

Estava-se em presença de alguém que não navegava por acasos ou apenas pelo conhecimento de alguns pontos da travessia.

Tratava-se dum perito que ia guiar os navios portugueses até à India.

Num formoso domingo de Maio, a vinte, descortinou-se o porto de Calecut, e o indígena, em gáudio, curvou-se ante o capitão, a pedir alvícaras, enquanto os marinheiros entoavam, em côro, a Salvé-Rainha.

Depois, uns pescadores, ensinaram-lhes o caminho do porto e, ante os olhares dos argonautas, apareceram as deslumbrantes paisagens orientais.

Calecut era o mercado das maravilhas, desde as pedrarias aos tecidos, desde o ouro e o marfim às raras espécies e aos magníficos perfumes.

Iam ali mercadejar-se as loiças da China, os charões, as sêdas, porcelanas, tapeçarias e

## VASCO DA GAMA

lacas, as indústrias do mundo ignorado mas ao qual atribuíam os fantásticos aspectos.

Entre florestas de enormes palmeiras murmuravam as águas mansas e frescas sob o sol de ouro, e as casas, de recortes caprichosos, surgiam, entre os arvorêdos, como que em convite aos gosos paradisiacos.

Divisavam as celestiais venturas que deviam aguardá-los, segundo as velhas lendas, ao fim de tantos sofrimentos e horrores.

Chamavam Samorim ao soberano dêste empório que ia receber como bem singulares embaixadores, o piloto de Melinde e um dos degredados portugueses.

Encontraram alguns indivíduos que sabiam diversas palavras do castelhano e um dos quais lhes gritava, ao ouvir o que diziam:

— «Al diablo que te doy! Quien te trajo acá?»

Eram moiros de Tunis que iam ali negociar e entreviram, imediatamente, tôdas as desvantagens da concorrência dos que chegavam, visto conhecêrem as suas faculdades, como também a audácia e a bravura de que eram dotados. Outros dos infiéis fôram mais gentís, entre êles o chamado Moçaide que saudou Vasco da Gama, em bem melhor agrado:

— «Buena ventura os dé Dios que aqui os aportó.»

Íam, porém, começar os grandes trabalhos.

A moirama, que lidava largamente no tráfico, opunha-se às alianças que os recém-chegados procuravam porque aniquilariam o seu predomínio. Desde logo entrara em intrigas colossais, sôbretudo junto do ministro do Samorim a quem se apontavam os argonautas como cobiçadores das riquezas.

Contaram-lhe, naturalmente, o arrôjo com que tinham conquistado, palmo a palmo, o seu território e as fortalezas de Africa, numa audácia sem par, o que gerava a máxíma desconfiança. Uma estranha política se devia seguir naquella capital do empório das maravilhas.

Vasco da Gama triunfara dos elementos; carecia de vencer as habilidades dos homens e voltar a Portugal para mostrar ao seu rei as novas das magnificências que, havia tanto tempo, os portuguezes procuravam.

A primeira enviatura que o soberano oriental recebeu foi bem acolhida e presenteada com panos de algodão e sêda.

Fernão Martins, o lingua, narrara tôdas as histórias relativas aos reis de Portugal, e de tal modo se houvera que o Samorim ordenou o avanço das naus até Pandarane.

Convidado a ir a terra, o grande capitão teve hesitações. O irmão e os do conselho quizeram dissuadí-lo de tal intento; êle, porém, em grandiloqua fala, declarou não querer regressar ao reino apenas para dizer que descobrira o caminho das Indias, onde fôra para entrar no conhecimento dos povos, embora sua existência corresse perigos.

Aquêlê homem enérgico ía entrar nas funções de diplomata.

Devia, por vezes, recalcar na alma tôdas as cóleras que lá referviam ante as perfídias adivinhadas e logo sofridas.

Decidiu-se a desembarcar, levando consigo o seu vèdor Alvaro Velho; Fernão Martins, intérprete; João de Sá, escrivão da nau *S. Rafael*; Alvaro Braga e Diôgo Dias, que ocupavam iguais cargos no *Berrio* e no *S. Gabriel*. Foi também com êles o marinheiro

## VASCO DA GAMA

Gonçalo Pires. Sob as bandeiras dos barcos, a artelharía, no seu contraste, causava receios aos indígenas.

Grandiosas pompas se desenvolveram à roda desta embaixada.

O navegador recostava-se num palanquim, entre as alas magníficas dos navios, em todo o esplendor oriental e a multidão encarava-o, num pasmo, sob o enorme símbolo de sêda com que o resguardavam do sol.

Indicaram-lhe um templo onde se prostrou diante dos ídolos, sorrindo aos dizeres de João de Sá:

— «Se estes são o diabo, eu adoro o Deus verdadeiro.»

Aquilo fazia parte do plano da conquista. Diante do soberano que remoía o seu betel, estendido num cochim, êle foi grave e digno, sem se mostrar admirado ante os usos do oriente, nem à vista do seu fausto singular.

Respondera com os exageros habituais acêrca do seu rei; contara como havia sessenta anos os monarcas de Portugal demandavam o conhecimento dos soberanos da Índia e oferecia-lhe ali a aliança, em júbilo e cordura, por lhe caber a glória de tal encontro.

Não parecia o rude comandante mas o mais subtil dos embaixadores, mostrando-se o Samorim muito agradado de tais modos e preitos.

Também êle queria a amizade com o português; desejava ligar-se-lhe em aliança e despedia-o, dando-lhe hospedagem em casa do seu vizir, até se encontrarem no dia seguinte.

Dentro em pouco mudaram as intenções do suzerano.

Os moiros tinham influído no ânimo do seu ministro, a ponto de êste deter o navegador. Contara-se tudo quanto êle praticara em Moçambique e em Mombaça, exageravam-se as novas, vindas através dos mercadores, exaltavam-no como um carrasco a infligir tormentos aos pilôtos, e aquêles pingos de azeite a ferver caídos na abaçanada pele do práctico, alastravam nos ânimos como uma tortura que o ardido capitão padeceria.

Servia-o dedicadamente o moiro Moçaide, o qual não o largava e à medida que procurava levá-lo, mais uma vez, ante o potentado, compreendia estar o vizir corrompido e, por consequência, empenhado em turbar as relações do soberano com o chefe da armada.

Os validos reais são da mesma estôfa, em tôdas as latitudes.

Decorrera tempo e manifestara-se a bordo um grande alarme porque Vasco da Gama não regressava.

Quando tornou a ser recebido ouviu da bôca régia, besuntada de betel, as acusações mais indignadas.

Tratava-o de corsário, de pirata, de saqueador.

Foi o máximo heroísmo do ilustre capitão, enérgico e audaz, o reprimir-se diante das frases do Samorim.

Adivinhou a intriga e, narrando a inimizade secular entre os portugueses e a moirama, julgou ter atenuado a desconfiança no ânimo do oriental.

Por fim ameaçou.

Se não se volvesse a Portugal, outra armada e mais numerosa destruiria tôdo o poder da moirisma.

Evocava a guerra; as recordações das bombardas ainda feriam os ouvidos do potentado oriental.

Exorou-o por não lhe trazer presentes valiosos e, desculpando-se com a incerteza da descoberta de Calecut, o navegador imaginou-se salvo quando o ouviu pedir-lhe a imagem dourada que trazia na sua nau.

Retorquiu-lhe ser uma preciosidade, aquêlê idolo. Tratava-se de Santa Maria, a qual era o símbolo da sua fé, além de ser dotada de enorme poder.

O rei mandara-o partir em paz; tornara-se à idéa da aliança; porém, os mahometanos não descansavam e quando êle chegou a Pandarane, com destino aos seus navios, mais uma vez foi detido pelo vizir.

As tripulações dos barcos de Nicolau Coelho, que de balde e na praia tinham aguardado durante longo tempo, fôram avisadas do que se passava, pelo marinheiro Gonçalo Pires.

O ministro teimava em obter do capitão a ordem decisiva para as suas naus se aproximarem mais da terra.

Sentia-se guardado; tinham-no como um prisioneiro; porém, regressara o marujo, aquêlê humilde da história, dizendo ter encontrado os batéis, os quais voltaram a bordo para os tripulantes ali narrarem os infortúnios sofridos.

Os seus pelouros não podiam varejar a terra sem que corressem risco as existências dos presos.

Foi necessária a prudência, em vez do ri-gôr. O chefe ordenou que enviassem presentes ao valido real. Só assim, e com o receio

da reprovação de seus actos pelo Samorim, conseguiram os portuguezes a entrada nas suas naus.

Vasco da Gama explodira colèricamente. Reapparecera o homem violento e terrivel.

Enviou-se queixa ao soberano; puzeram-se em combinações de negócio e acabaram por palavras ruins de ameaça, logo seguidas de transacções quasi forçadas.

Para regressar à sua terra devia pagar ao monarca seiscentos xerafins de que o consideravam devedor, dizia o potentado, o qual consentiu no estabelecimento duma feitoria onde Diôgo Dias ficou, por ordem do capitão.

Alguns naires apareciam perto dos barcos em transes de comércio e êle tomou uns seis e mais desanove do séquito, tratando-os de reféns.

Salvar-se-iam os portuguezes no posto que o navegador estabelecera.

Em grande grita as famílias dos prisioneiros fôram solicitar do Samorim a liberdade dos seus.

Friamente os recebeu.

Parecia ter medo do ministro e dos mercadores.

Acabara, não obstante, cedendo.

Puderam voltar às naus os companheiros de Vasco da Gama que tinham ficado semi-cativos e tudo se harmonisou a tal ponto que até se mandara pedir o padrão para que se erguesse em terra, comemorando a viagem aventureira.

Com uma missiva, em cujas letras o monarca indiano assegurava ao rei de Portugal a sua amisade, entraram a bordo as fazen-

## VASCO DA GAMA

das, os objectos de tráfico, canela, cravo gengivre, muita pimenta e pedrarias, em troca de «cera, prata, coral e escarlata».

Vasco da Gama ainda tinha os malabares detidos no seu navio.

Quando lhos pediram respondeu que os levava ao seu soberano.

Com êles atestaria a descoberta.

Acrescentara que voltaria em breve para mostrar aos moiros se eram piratas ou cavaleiros os homens de Portugal.

Levantaram-se os ferros e quando as naus iam singrando appareceu a bordo, espavorido, o moiro Moçaide que os indigenas tinham querido imolar porque o consideravam amigo dos homens brancos.

Inúmeros barcos correram, em som de guerra, sôbre os navios.

Fôram repellidos, num bombardeio, ao mesmo tempo que retumbavam os trovões duma providencial tempestade.

Ao cabo duma derrota os mareantes forneceram-se de canela nuns ilhéus visinhos de Calecut, onde plantaram o padrão de Santa Maria.

Em Anchediva caíram ainda sôbre êles outras gentes, em som de guerra; em Mogadôxo fez-se um bombardeio ameaçador, e de novo entraram em Melinde as naus bem providas. Em Fevereiro (1), tomando a seu bordo a embaixada que o soberano amigo enviava a D. Manuel e depois de destruir a nau *S. Rafael*, cujos tripulantes dividiu pelos dois outros barcos, o capitão mandou fazer prôa ao reino, em feliz travessia por Zanzibar, S. Jorge,

---

(1) 1499.

S. Braz, passando sem receio ante o Cabo que era já da Boa Esperança, pois dali se espantara a lenda terrível.

Assim se achegou a Cabo Verde.

Desaparecera o *Berrio* no qual Nicolau Coelho partira, por sua conta e aceleradamente, para Lisboa. Quizera ser o primeiro a dar a boa nova a el-rei.

Fundeou em Cascais <sup>(1)</sup>, galgando a distância até Cintra, onde D. Manuel o recebeu com honrarias.

Por êste tempo Vasco da Gama, o chefe abandonado, assistia à morte de seu irmão Paulo, na ilha Terceira, onde fôra coagido a aportar, ante a enfermidade do primogénito.

Chorou-o sôbre a sepultura do convento de S. Francisco e só em Agosto <sup>(2)</sup> o seu navio fundeou diante da ermida do Restêlo, onde desembarcou para ir prostrar-se ante o altar da Virgem.

El-rei enviou-lhe o seu favorito Diôgo da Silva Meneses, conde de Portalegre, com um grande séquito da nobreza.

Conduziram-no, em enorme pompa, entre as ondas do povo admirado.

Dos cento e setenta tripulantes dos navios da descoberta regressavam apenas cinqüenta e oito.

Nicolau Coelho já recebera mercês.

Maiores, como era justo, fôram as concedidas ao grande navegador.

Distingüiram-no com o uso de Dom, e as armas do reino para o seu braço; nomeado

(1) 10 de Julho de 1499.

(2) 10 de Agosto de 1499.

## VASCO DA GAMA

almirante da Índia poderia, cada ano, embarcar mercadorias destinadas àquele empório, no valor de duseiscentos cruzados para as respectivas trocas que entravam livremente à sua ordem. Conferiram-se-lhe, também, trescentos mil réis de renda perpétua paga pelo dizimo do pescado de Vila Nova de Mil Fontes, Sines, Santiago do Cacém, Paço da Madeira e Lisboa.

Perpetuava-se na sua família o título de almirante e D. Vasco da Gama tomaria o comando das naus sempre que quizesse, visto ter sido êle quem quebrara, de vez, o encanto do horrível cabo Tormentoso e chegara ao tam cobiçado país das maravilhas.

O homem rude e audaz não esquecia agravos e até ai só os recebera do Samorim, sem os pagar na moeda que usavam os portugueses da sua têmpera: o ferro.





## QUINTO QUADRO

### O «HOMO DESTEMPERADO»

**H**AVIA certa emulação entre Pedro Alvares Cabral e Vasco da Gama, o primeiro dos quais descobrira o Brazil no ano immediato àquele em que chegara a Lisboa o célebre almirante, dotado dum génio de «homo destemperado, senza alcuna ragione» (1), no dizer do veneziano Masser, que o conheceu.

Exacerbara-se, porventura, com a glória e a inactividade forçada em terra após o triunfo que obtivera e ao ver dar a outrem as capitánias.

Talvez, com o desejo de vingar os ultrajes do Samorim, o acomettesse uma saudade acerba dos mares onde sofrera e conjuntamente sentisse as ânsias de mais avultados proventos.

É certo que, ao saber entregue o comando da frota da Índia a Cabral, grande inimigo do

---

(1) Leonardo de Masser que viveu em Lisboa como delegado do doge de Veneza.

## VASCO DA GAMA

tio do almirante, Vicente Sodré, correrá ao paço, pedira audiência e dissera a el-rei:

«Senhor, a mym muyto me diz a vontade que vá n'esta armada fazer esta viagem; pelo que peço a Vossa Alteza que asi o haja per seu serviço. E esta mercê que lhe agora peço já ma tem per esta carta.» (1)

Concluira. E como receoso de que o monarca o tivesse olvidado tirou da manga o officio pelo qual «El-rei outorgava e dava a mór de todolas as armadas que sayssem de Portugal pera a India em que elle se quizesse embarcar, e sem embargo de nenhum embargo a podia tomar, inda que já estivesse em Belem pera sayr pola barra, pera o que somente teria trez dias de espaço pera se embarcar.» (2)

D. Manuel quiz detê-lo, mostrando-se agradecido, mas pedindo-lhe que partisse no ano seguinte (3). O teimoso descobridor redarguiu-lhe, porém:

«Senhor, prometto a Vossa Alteza que enquanto viver nas cousas do vosso serviço minha palavra e obra nunca torne atraz. O que assy farei n'esta que Vossa Alteza nom tem razão nenhuma de me quebrar a mercê que per carta me tem feito, que ma não comprindo me fará grande agravo e me parece que ficarei encetado pera outros mayores.»

O soberano ainda argumentou com as lástimas do comandante já imposto. Teimando sempre — e nisto estivera o segrêdo de sua vitória nos mares — D. Vasco da Gama fôra

---

(1) Gaspar Correia — *Lendas da India*.

(2) *Idem, idem*.

(3) Estava-se em 1502.

sarcástico: «Vossa Alteza o proverá d'outra armada de mais proveito que esta; indaque o homem que tem desastres no mar devia fogir d'elle.»

O «homo destemperado» vencera. Tomou a chefia de dez naus, para nove das quais nomeou capitães António do Campo, Diôgo Pires, Luís Fernandes, Gil Matoso, João Lopes Perestrelo, Ruy de Cantanheda, Pedro Afonso de Aguiar, D. Luís Coutinho e Francisco da Cunha.

A Estevão da Gama, primo do almirante, fôram entregues mais cinco barcos, quatro dêstes comandados por Thomas de Carmo-na, Lopo Dias, João de Buonagracia e Lopo Mendes de Vasconcelos.

Celebrou-se uma missa na Sé e ali D. Manuel entregou ao grande navegador a bandeira de sua nau, benzida e consagrada, partindo os mareantes, em solene e pomposa procissão, até à Ribeira das Naus, onde embarcaram.

Correu a viagem sem incidentes de maior até ao Cabo da Boa Esperança, o qual se passou sem desaires nem terrores. Só perto de Sofala chegaram os temporais. Em Moçambique acolheu-o graciosamente o sultão, talvez já sabedor do que se reservava para o xeque de Quilôa, o qual maltratara Alvares Cabral e João da Nuova, quando ali tinham aportado, na viagem anterior.

As naus entraram em grande bombardeio e aos primeiros encontros do almirante com o sultão logo aquêle exigiu o tributo de dois mil maticais de oiro por ano, em proveito de el-rei D. Manuel, bem como a vassalagem.

O xeque reputou injuriosa a proposta e, ante a sua desobediência, o navegador, que

## VASCO DA GAMA

tam ousadamente falava ao seu amo, ameaçou, em raivas, o potentado que se lhe ia apresentando em soberbas contra êle.

As cóleras sibilaram. Ou cedia ou ainda que fugisse para o mato lá o iriam arrancar, através de todos os obstáculos.

O alvejado deliberou meter-se à terra pelas páreas da décima, ficando de penhor seu conselheiro Mafamede, e os portugueses, imaginando-se em país de sua pertença, começaram a tropeliar.

O refém acabara pagando o que se exigira ao sultão insolvente que ali o deixara no propósito de o obrigar à despesa. Emquanto à vassalagem, aceitara a bandeira de sêda, com as armas do reino bordadas a ouro, conforme lhe fôra enviada, emquanto os officiais e marujos das naus se perdiam em tontos amores, devastando de tal maneira a honra das mulheres moiras e o preito devido aos maridos que constituiria grande escândalo a sua volta para a armada.

Ali se dirigiram numerosas moirinhas encantadas pelos beijos dos cristãos, decididas a deixar os harens pela aventura do mar, emquanto o chefe da esquadra, numa das suas fúrias, ordenara a pronta expulsão de tam gentis hóspedes, as quais se tornariam de grande embaraço a bordo.

Houve espôsos que não queriam receber as pecadoras e largara-se de Quilôa, levando umas quarenta perdidinhas, fechadas em recâmaras, a-fim-de não prejudicarem as manobras, causando transtorno às equipagens.

Em Melinde tudo fôram vénias e cumprimentos, amisades e preitos, fazendo-se, depois, as prôas à costa de Malabar.

Começara um cruzeiro, a-fim-de não se consentir que a moirisma navegasse de Méca até ali, tomando-se assim a suzerania das águas orientais.

Aprisionava vários zambucos e, inquirindo da sua procedência, mandava todos em paz, à excepção dos pertencentes a Calecut. Era a liquidação da velha rixa.

Vasco da Gama vingava os ultrajes recebidos quando da sua descoberta. Uma das embarcações, carregada de preciosidades, vinha do Mar Vermelho. Chamava-se *Mèry* e era seu comandante Joar Faquim. Além dos tripulantes, conduzia uma numerosa peregrinação vinda de Méca, dos lugares santos mahometanos.

Entregaram os infiéis, o oiro e mais riquezas que o feitor português recolheu e escreveu. Carregado de aspecto, o capitão quiz que os cativos aguardassem suas ordens até ao dia seguinte. Refervia-lhe no ânimo o ultrage recebido em Calecut. Determinou que se lançasse fogo ao navio, depois de lhe extrair a fazenda e ante a defeza, esboçada pelos agredidos, a fúria do almirante aumentou. Batiam-se os moiros desesperadamente, impôs-se um cêrco ao barco e quando se fez a tomada gerou-se o horror.

Os desditosos lançavam-se às águas e, se não pereciam nas vagas, eram chacinados. Concedida a vida a um piloto e a algumas crianças, fôram imoladas as próprias mulheres.

Dera-se um terrível exemplo e quando em Cananor fundearam as naus, atulhadas de oiro, já se sabia como os portugueses se vingavam.

Dirigiu-se rápidamente para Calecut e o rei, aterrado ante tam poderosa frota, mandou

## VASCO DA GAMA

solicitar-lhe amisade. Humilde e rasteiro se mostrou, implorando perdões por intermédio dum moiro, o qual appareceu sob o hábito religioso.

A vestimenta pertencera a algum dos frades portuguezes chacinados quando ali ia prégar a fé, após o feito do Gama, e a vista da almáfega ainda mais irritou o capitão, o qual exigiu grandes recompensas em mercadorias e ouro, visto ter sido assaltada a feitoria portuguesa e morta a sua população.

Decididamente, o Samorim dispunha-se a ganhar tempo e, ao compreender-se a sua attitude, o chefe mandou-lhe dizer que enforcaria os seus vassallos prisioneiros, caso não se resolvesse a satisfazer-lhe a justiça com que ordenava o pagamento da multa.

Não durou muito a tolerância.

Dentro em pouco, um batel carregado de pés e mãos decepadas, ainda a sangrar, approva à praia. Tinham sido enforcados os malabares e logo sujeitos a mutilações bárbaras, num temeroso exemplo.

Aos vassallos do soberano, matadores da gente lusitana que ali ficara, retorquia-se com mais crueza, pois doutro modo continuariam nas represálias.

Respondia-se asselvaadamente aos canibalismos. O monarca apelou para os seus parentes de Cananor e Cochim e êles, aprestando uma armada de mais de duzentas velas, decidiram-se a castigar o atrevido que assim singrava nos seus mares como soberano despótico, avêssos à clemência.

Quando iam lançar-se no ataque, uma enorme e rugidora tempestade devastou-lhes os barcos e o poder, como se Deus quizesse

premiar o capitão destemido que desafiava tôda a Índia onde chegara amerceado em virtude do seu génio impetuoso, por sua fé na Providência e pelo sacrifício da própria vida.

Recolheram-se a uma submissão necessária os soberanos de Cochim e Cananor, fingindo-se amigos dos portuguezes, querendo ocultar a aliança com o declarado adversário que era o monarca mais poderoso e mais combatido.

Ante aquelas demonstrações o almirante disfarçava a raiva e, como se ignorasse tudo quanto se tramara, cedia aos pedidos dos aliados a favor dos inimigos por quem êles supplicavam. E assim poude entrar livremente em Cochim uma nau de Calecut.

Logo vieram os presentes de subido preço as pedras preciosas, os amuletos, o oiro com que se fazia notar a amisade ao rei de Portugal e cimentava a permanência das feitorias. Já o negócio era em larga escala com o Oriente. O mercantilismo vencera, a golpes de audácia e de valor.

D. Vasco da Gama julgara ter chegado o momento de demonstrar ao monarca indiano que tanto o odiava, como era, por tôdas as razões, o victorioso. A sua nau estava carregada de especiarias; as outras abarrotavam e, tomando a de Estevão da Gama, largou para Calecut, acompanhado, apenas, por uma caravela.

Era temeridade, mas sentia-a precisa para assegurar o seu poder com a demonstração de pouco mêdo ante o inimigo.

Mandara um brâmane à terra, a-fim-de encetar as negociações e quando as imaginava em bom caminho sentiu a sua embarca-

## VASCO DA GAMA

ção cercada por um grande número de paráos que se preparavam para o assalto, querendo cortar-lhe as amarras para meter a pique a galé do temerário.

O fogo já chegara à amurada e os portugueses, empenhados no combate, obedeciam às ordens do chefe que, mandando desferrar as velas, rompeu velozmente o cêrco e passou, com o vento favorável, bombardeando os atrevidos. No mais acêso do combate em que se expunha a glória dum nome, surgiram as naus de Vicente Sodré que puzeram de abalada a mór parte do gentio.

Os prisioneiros balouçavam, dentro em pouco, pendentés das vergas, como trágicos avisos aos que tentassem ainda dominar o terrível poderio dos seus destemidos vencedores.

Era a guerra bárbara, mas sem ela a derrota teria empanado, para sempre, o brilho das armas valorosas.

Mal a frota largara de Cochim, o rei de Calecut apparecera, com o seu grande exército, a ordenar a entrega dos portugueses que ali tinham ficado, mas a-pesar das ameaças e do arrôjo com que avançara sôbre a cidade o real parente, preferira salvar os amigos estrangeiros, a vilipendiar-se, sacrificando-os, embora se internasse com êles nos matos.

O mais certo, ainda, era actuar assim pelo mêdo das represálias dos portugueses.

A esquadra fundeava, por êsse tempo, em Cananor. Já carregadíssima de mercadorias a maior parte dos navios, mas havia ainda alguns para a conducção de mais preciosidades.

A' passagem em Pandarane, no regresso, fôram assaltados pelos vassallos do rei de Ca-

lecut, porém em tam má hora que, derrotados os assaltantes, ainda deixaram vasta prêsa nas mãos dos seus contrários, tendo morrido no combate mais de tresentos moiros.

Entre as magnificências tomadas encontrou-se um ídolo enorme de oiro, cravejado de pedras preciosas.

A cólera de Vasco da Gama, ante a audácia dos inimigos, subira a ponto de, à vista duma criança, topada na nau infiel, immediatamente, ordenar que a matassem. A súbitas, porém, lembrando-se, talvez, dos pequenitos de sua prole, perdoara, enternecido.

Guardava onze navios atulhados de especiarias e bons mantimentos, deliberando regressar a Portugal antes que findasse o ano (!).

Os barcos de Sodré ficariam na costa do Malabar para a defeza do aliado digno que era o soberano de Cochim, ao qual certamente o inimigo voltaria a atacar, mal se desse a desapareição dos portuguezes das visinhanças de seus estados.

Também lhe competia atacar os navios provenientes de Méca.

Foi esta a incumbência de maior agrado para o tio de Vasco da Gama.

Aguardar as naus das riquezas era bem mais proveitoso do que defender um príncipe oriental dos assaltos dum outro rajah.

Deixando entregue ao acaso o seu aliado, fez-se de vela para o Mar Vermelho, de atalaia às frotas moiras.

Como se o céu quizesse infligir-lhe um tremendo castigo, acabou num naufrágio nas costas da Arábia, com seu irmão Braz Sodré.

---

(!) 28 de Dezembro de 1502.

Após um grande temporal que o assaltara em Moçambique, o almirante chegou a Lisboa no dia inicial de Setembro (1) para entregar a el-rei o primeiro tributo de ouro de Qilôa (2).

Mais uma vez vencera.

Almejava o descanso com a sua família, mas não podia sossegar quem só de trabalhos vivera.

Começara grandes obras nas suas propriedades em Sines e de tal maneira se fortificava que D. Jorge de Lencastre (3), grão mestre da Ordem de S. Tiago, solicitara do soberano a saída do herói e de sua espôsa D. Catarina de Ataíde, para onde não causassem prejuizo ao mestrado (4).

Partiu para Évora onde foi habitar um palácio revestido de símbolos orientais; comprou o senhorio de Vila Franca, residiu em Nisa e retirou-se, enfim, para a Vidigueira, tendo adquirido a vila, pertença do duque de Bragança.



(1) 1 de Setembro de 1503.

(2) Com êle mandou el-rei D. Manuel I fazer a célebre custódia dos Jerónimos.

(3) Bastardo de D. João II. — Legendas de Portugal. *A Estátua do Suplicio*, legenda de Abrantes. *Santa Joana*, Colecção «História».

(4) Alvará de el-rei D. Manuel, datado de Tomar, em 21 de Março de 1507.



## SEXTO QUADRO

# O VICE-REI DAS INDIAS

**A**O cabo de vinte e um anos da descoberta do caminho marítimo para a Índia, empreendimento que gerara o assombro do mundo, já não iam bem as coisas no formidável e riquíssimo império.

Os governadores praticavam delapidações e os capitães, seguindo-lhes os exemplos, guerreavam-se bastante entre si, por causa da pecúnia. Os negócios indianos davam bastante que fazer no despacho de el-rei, e embora apparecesse muita gente de fazenda acrescentada, e cada vez se dilatasse mais a conquista, faltavam a unidade e o alento dum braço forte e autorizado para castigar quem se excedesse.

D. João III convidou D. Vasco da Gama, já então conde da Vidigueira, para a empresa da sua terceira viagem à Índia.

Se ainda não era muito velho, o almirante sofrera imenso nas suas travessias, pelo que sentia o quebranto das fôrças físicas, nanja do ânimo e do feitio que continuavam rígidos e audazes.

## VASCO DA GAMA

Conservara a natural exuberância de acção e o seu ímpeto indomável, embora temperado, em certas ocasiões, pelas queixas das suas enfermidades.

Pelejara-se muito; as crónicas do Oriente estavam cheias das proezas de grandes capitães como D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, Afonso de Albuquerque (1), o maior, por suas audácias, valentias e desenganos; porém, tudo se perdia nas mãos cobiçosas dos sucessores na governança do império.

Íam finalizar os três anos de mandato dum dos piores sátrapas europeus que ali preponderara.

D. Duarte de Meneses havia acumulado inúmeros ódios e enormes querélas contra as suas medidas.

Enviava-se-lhe D. Vasco da Gama para o remeter à metrópole e, ao mesmo tempo, tomar para si o título de vice-rei da Índia com que se lhe recompensavam os feitos assombrosos.

Magnífica era a sua armada, composta de naus soberbas, caravelas e galeões.

Entregara-se o comando das primeiras a D. Henrique de Meneses, Pedro de Mascarenhas, Francisco de Sá, António da Silveira e Francisco de Brito, os quais já levavam do reino cargos de valia, apetecidos por muitos.

Os restantes navios eram chefiados por Afonso Mexia, D. Fernando Monroy e D. Jorge de Meneses, indo de mestres das caravelas Rui Gonçalves, Cristóvam Rosado, Lopo Lobo e um natural de Malhorca, mossem Gaspar.

Recordaria, o almirante, longe de terra, os

---

(1) O grã-capitão. Colecção «Historia».

tormentos da sua viagem da descoberta e, ao fundear em Moçambique, não lhe faltariam lembranças dos horrores do passado.

Em Melinde, sempre tam bonançoso de gentio e ventos, dera-se desta vez um naufrágio.

Perderam-se os navios do homem de Malhorca, de Rosado, de D. Fernando Monroy e de Francisco de Brito.

Muito padeceram as outras naus e os gaileões mas, tomando a esteira de Cambaia, o capitão defrontou-se com um percalço que jámais lhe sucedera e para o qual necessitou de tôda a sua intrepidez, sangue frio e esper-teza,

Um tremor de terra assolava a região e os barcos oscilavam sôbre as águas revoltas, numa estranha fúria que incutia o terror na alma das guarnições.

Compreendendo o perigo, o chefe soltou a sua frase de animação e habilidade:

— «Amigos: prazer e alegria, o mar treme de nós!» E acrescentou: «Não hajais medo, que isto é tremor de terra.»

Apaziguara-se-lhes um pouco o espirito, quando surgiu uma nau de Méca, ricamente carregada.

Foi sua prêsa; valia mais de sessenta mil cruzados que pagavam, um pouco, as torturas sofridas.

Aportando a Chaul, D. Vasco da Gama, declarando-se vice-rei, recebeu as homenagens dos funcionários, militares e feitores e, entregando o comando da cidade a Cristóvam de Sousa, ordenou-lhe que não deixasse ali desembarcar o governador, no caso de tentar êsse passo.

## VASCO DA GAMA

Quanto às ordens que lhe quizesse dar, não as atendesse, devendo mandá-lo sair das águas portuguesas, num praso de quatro dias.

Posto isto, avançou sôbre Gôa, onde lavravam os dissídios.

Desembarcou com a maior solenidade, revestido dos seus melhores trajos e, cheio de imponência, demonstrando no aspecto gravidade e respeito; deixou a cathedral e foi para o bem guarnecido forte no qual o respectivo capitão o acolheu em subida homenagem.

Êle, porém, conhecedor das queixas enviadas ao soberano, pelos gôenses, encarou rudemente o militar e, apontando as pedras da defesa e as moradias, exclamou:

— «Senhor Francisco Pereira, assim quizera eu achar bem concertadas todas vossas cousas como estão estas casas.»

Vinha para corrigir os desmandos. A êle competia salvar a Índia do desbarato, visto ter sido seu descobridor.

Ergueram-se clamores; ante a ânsia dos despojos, ninguém queria já reconhecer-lhe os serviços.

O território não era para gáudio dos cronistas nem para as pugnas da história, mas sim uma vasta feitoria onde, em nome da fé, se extorquiam réditos magníficos.

O pequenino Portugal, não se bastando a si próprio, lançara-se firmemente, com a segurança do arrôjo, em busca dos celeiros distantes, das arcas vastas, cheias de preciosidades, em cuja troca lhe dâriam tôdos os gêneros; mas cada um dos seus representantes na Índia, exagerando a tomada e o negócio, vexava e arremetia, por conta própria.

Era o que Vasco da Gama ía punir, com propósitos de evitar o saque, através de tudo.

Tinha em boa conta a sua energia e não desdenhava de a empregar, mais uma vez.

Do governador D. Duarte de Meneses, eram partidários tôdos os delapidadores, mas o vice-rei começara por demitir Fernando Pereira, obrigando ao pagamento quem devia.

Os seus bens, na totalidade, passaram às mãos do juiz que viera de tam longe para a salvação do império e em breve se começou a vêr até onde chegava o braço audaz do conde da Vidigueira.

Tornara-se implacável.

Mandara açoitar, em público, as mulheres que se introduziam nos navios e, continuando a sua visita, só tinha por fim expulsar o seu antecessor, que tam valido fôra de el-rei D. Manuel.

Ía colocando nova gente nas capitánias e perante a audácia dos moiros, que já se atreviam a navegar de Calecut para Méca, compreendeu tôda a decadência a que se chegara.

Recomendou a seu filho D. Estevão da Gama que os punisse, ordenando o policiamento dos mares, à maneira antiga.

Queria uma grande armada de represália.

Os povos, vendo estabelecidas as punições, sentiriam o avigoramento do poderio português.

Tomara-o um achaque.

Todos os seqüazes do antigo governador rejubilaram, mal sabendo que o cargo viera provido do reino em D. Henrique de Meneses, para o caso de falecer o almirante do mar das Índias.

## VASCO DA GAMA

No seu leito de sofrimento prosseguia o enfermo na obra de castigos e justiças.

Ordenava, mais uma vez, a saída de D. Duarte de Meneses do território onde só êle era o representante do soberano; o fidalgo, porém, ia resistindo, passando de vila em vila, à espéra do fim do adversário para, retomando o govêrno, realizar suas vinganças.

Lopo Vaz de Sampaio e Melo recebeu a ordem perentória para mandar recolher o atrevido à nau *Castelo*, que devia partir para o reino.

Em vez de se entregar à prisão, dirigiu-se, para a *S. Jorge*, onde tinha amigos, afrontando, num desafio, o ilustre vice-rei.

Quási agonisante, arrebatadamente, o vice-rei declarou que jámais alguém assim o incitara e, mandando carregar de bombardas, alguns galeões, deu o encargo a um dos seus officiais de meter no fundo o navio em que o rebelde se refugiara.

Tanto o alvejado como seu irmão D. Luís de Meneses tomaram os lugares no barco que ia largar para Lisboa e, ao sabê-lo de vela, o descobridor da India conteve-se.

O esforço supremo que fizera causar-lhe-ia a morte.

Durara quatro meses o seu govêrno; fôra vice-rei apenas nêsse curto período e, em vez de morrer no seu palácio da Vidigueira, repousado de tantas fadigas e tormentos, acabava no império das maravilhas, em Cochim, cheio de fadigas, na faina de punir, em nome de el-rei, os culpados da queda do domínio portuguez que se esfacelava na intriga e na cobiça.

Sepultaram-no na capela de Santo António do convento franciscano (1).

Como se Deus quizesse que o célebre navegador contemplasse na agonia as ruínas do seu sonho, conduziu-o para a Índia, em vez de permitir que se extinguísse na sua risonha vila portuguesa (2).

Tôda a história da descoberta e da conquista se passara como uma visão maravilhosa, mas fugaz.

As próprias delícias da conquista, os gosos, as sumptuosidades, aniquilariam os conquistadores que, pela fôrça das leis fatais do prazer e da ganância, olvidavam a honra de suas bandeiras.

D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, almirante do mar das Índias, ficou em seu sepulcro de Cochim, visinho dos altares em que os freis iam pedindo a Deus eterna paz para a alma do esforçado capitão que tanto enobrecera, com seu arrôjo, o nome de Portugal.

E os potentados que êle combatera deviam agradecer aos seus ídolos ter a morte abatido, finalmente, o chefe intemerato que tôdos consideravam invencível.

A sua obra começava a ser destruída pelos que chegavam, sem terem feito mais do que usufruir prebendas. Êle lutara com os elementos e vencera-os; entrevira uma maravilhosa região e se alguns tinham ido ali, depois, para dominar o gentio, ligando seus nomes à epopeia, outros não passavam de assaltantes que, em terras alheias, extorquiam

(1) Faleceu em 24 de Dezembro de 1524.

(2) Foi trasladado para a Vidigueira em 1538 e para os Jerónimos em 1880.

## VASCO DA GAMA

desdenhando da justiça. O sonho da Índia tornara-se no positivo rendimento com que iam enriquecendo fidalgos e suas clientelas, ante a rebelião dos indigenas ultrajados.

Em vez de se fazer uma feitoria de magnificências, gerara-se uma feira de corrupções, de selvagerias, de vilezas.

Chegavam a Portugal grandes e lamentosas queixas. Era certo que muitos capitães erguiam inegaláveis padrões, mas os seus seqüazes praticavam como corsários, sem pejo e sem dó. O horror dos seus desmandos ecoava na metrópole e mandara-se, como a mais competente autoridade para o castigo, aquêles que tudo sacrificara para ganhar o empório onde os cavaleiros se degladiavam pelos mais indignos interesses.





